

# Mantega volta a falar em queda dos juros

128  
VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, andou se assanhando nos últimos dias com a possibilidade de o Banco Central retomar o processo de corte da taxa básica de juros (Selic), interrompido em outubro do ano passado. A assessores mais próximos e em conversas com a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que já desfila como provável candidata à Presidência da República em 2010, ele passou a listar uma série de pontos que, no segundo semestre do ano, permitiriam ao Comitê de Política Monetária (Copom) promover pelo menos duas reduções seguidas dos juros, de 0,25 ponto cada. Três desses pontos seriam o arrefecimento dos preços dos alimentos, que haviam feito a inflação disparar no final de 2007, a menor demanda por crédito, por causa da elevação dos custos dos empréstimos, e a nova queda do dólar, cujas cotações têm mirado para R\$ 1,60. "É perfeitamente possível chegarmos a dezembro com a Selic em 10,75% (hoje, a taxa está em 11,25%)", vem dizendo o ministro.

A ordem na Fazenda, no entanto, é não estimular debates públicos sobre o Copom, que tem reunião marcada para as próximas terça e quarta-feiras. Mantega não quer contrariar o presi-

Iano Andrade/CB - 13/12/07



A ORDEM DE GUIDO MANTEGA É PARA QUE ASSESSORES NÃO CRIEM CONFUSÃO COM O BANCO CENTRAL

dente Lula, que tem pedido a unificação do discurso da equipe econômica, sobretudo neste momento em que se está colhendo indicadores expressivos, como a transformação do Brasil em credor internacional. "Não vamos questionar a manutenção da Selic na reunião deste mês nem na de abril. Mas, a partir daí, os rumos da política monetária terão de ser revistos", conta um assessor do

ministro. "Vamos expor nossa posição de forma tranquila, sem que ela seja vista como interferência nas decisões do Copom", assinala.

O debate se tornará necessário, ressalta outro assessor da Fazenda, se o Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, continuar com sua política de corte dos juros — a expectativa é de que, no dia 18 de março, a taxa básica de lá caia dos atuais 3% para 2,75% ao ano.

"Com os juros americanos nesse nível e as taxas estáveis aqui, aumentará demais o fluxo de capitais de curto prazo para o Brasil, empurrando o dólar ladeira abaixo, um problema para o setor produtivo exportador", diz o assessor. Atualmente, a diferença entre a Selic e os juros dos EUA está em 8,25 pontos percentuais. "Está muito fácil para os estrangeiros ganharem dinheiro no Brasil", emenda.